



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 2

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-280-7

DOI 10.22533/at.ed.807192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos cursos de formação preocupados com as conexões discursivas entre as ciências da linguagem, estudar a língua em uso significa compreender como o discurso é construído, sem a omissão investigativa das contextualizações da linguagem. Os cursos de formação simbolizam autênticos espaços de produção do conhecimento, além de problematizar as questões que necessitam ser refletidas e analisadas nas ações dos sujeitos.

Os sujeitos trazem como experiências as inúmeras e múltiplas vivências que são confrontadas nos espaços formais de ensino. Discutir sobre os processos de ensino significa considerar que há também a produção de saberes nos contextos não formais de produção do conhecimento.

Nesse sentido, a presente Coleção traz trinta reflexões e inúmeros autores que aceitaram o desafio de promover um diálogo com os contextos e as propostas de ensino, sobretudo na formação, alfabetização e letramento dos sujeitos, interlocutores desta coletânea. O que a torna necessária são as diferentes concepções e perspectivas nos quais os conhecimentos são apresentados.

No primeiro capítulo, as autoras discutem os contos de fada a partir do gênero propaganda, em que o estudo tem como metodologia de pesquisa a análise bibliográfica pertinente à problematização. No segundo capítulo, as autoras analisam o curta ficcional *Sombras do Tempo*, de Edson Ferreira, 2012, sob a perspectiva foucaultiana, aproximando os debates sobre raça e cinema no Brasil. No terceiro capítulo, o autor dedica-se em dois propósitos: identificar e analisar o diálogo entre a linguagem fílmica discutida no corpo do texto.

O autor do quarto capítulo traz à discussão a necessidade do planejamento escolar no contexto da dimensão teórico-pedagógica como prática necessária, além disso, discute e apresenta, sucintamente, as diferenças entre *planejamento* e *plano de aula*. No quinto capítulo, os autores apresentam as questões estéticas e visuais dos grafitos de banheiros como realização verbo-visual que apontam os discursos universitários. No sexto capítulo, o autor trata dos diálogos intertextuais entre Babadook e o Movimento Cinematográfico Expressionista Alemão.

No sétimo capítulo, a autora discute sobre as temáticas *formação* e *evasão* de alunos do Curso Técnico de Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais. No oitavo capítulo, os autores discutem e analisam, a partir de estudos culturais, as visualidades produzidas e amparadas na investigação comparada e híbrida. No nono capítulo, o autor discute os processos discursivos que ligam o sujeito na discussão conceitual entre a materialidade do sujeito, a sociedade e o consumo.

O autor do décimo capítulo reflete os modos de aprendizagem da iluminação cênica no contexto da formação de acadêmicos de Teatro, a partir da realização de uma oficina de iluminação cênica. No décimo primeiro capítulo, os autores fazem um recorte de um estudo mais amplo realizado em determinada disciplina de formação.

No décimo segundo capítulo são analisadas e identificadas a aplicabilidade de instrumentos capazes de ampliar o vocabulário nos diversos contextos de produção.

No décimo terceiro capítulo, as autoras tomam o Italiano como herança linguística a partir da proposição de material didático. No décimo quarto capítulo, a autora aproxima o viés teórico da prática tendo como análise alguns escritos de Antonio Candido e Pier Paolo Pasolini. No décimo quinto capítulo, os autores refletem sobre as relações entre memória e aprendizagem, relacionando o tema à problemática do Alzheimer, a partir de uma análise fílmica.

No décimo sexto capítulo, os autores apresentam uma reflexão sobre a produção do conhecimento nas artes híbridas focalizando os possíveis diálogos e convergências da linguagem cinematográfica em audiovisualidades contemporâneas. No décimo sétimo capítulo, os autores propõem, discutem e problematizam um método alternativo para o ensino de Física com alunos do ensino médio de escolas públicas. No décimo oitavo capítulo, o autor aprofunda-se, de forma bilíngue, nos termos médicos para compreender o significado de termo aplicado à interpretação e diálogo.

No décimo nono capítulo, a autora investiga a condução de um processo artístico para o deslocamento e o equilíbrio pelo desenvolvimento permanente. No vigésimo capítulo, frutíferas reflexões são apresentadas pelos autores sobre o discurso da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, colocando em jogo o entendimento teórico de uma proposta metodológica. No vigésimo primeiro capítulo, a autora provoca leituras, pesquisas e diálogos sobre a construção histórica de um veto ao ficcional que é, em última instância, um veto da própria imaginação.

No vigésimo segundo capítulo, o autor realiza uma análise, apresentando a intratextualidade, além do diálogo do autor consigo mesmo. No vigésimo terceiro capítulo, a autora trata da potencialidade do silêncio presente na imagem, a partir do filme-carta *Letter to Jane: na investigation about a still*, de Jean-Luc Gofarf e Jean-Pierre Gorin, tecendo um breve panorama poético-conceitual do que pode ser imagético. No vigésimo quarto capítulo, as autoras trazem ao leitor os resultados da prática de dança, utilizando-se do método investigativo e de questionário estruturado, realizado entre outubro de 2017 e fevereiro de 2018.

As autoras do vigésimo quinto capítulo destacam os sentidos do romance *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, do escritor Erico Verissimo. No vigésimo sexto capítulo, a autora analisa a Progressão Parcial à luz da Análise de Discurso Pechetiana. Já no vigésimo sétimo capítulo, a discussão de um projeto é apresentada pelas autoras como proposta reflexiva.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute a narrativa à valorização de uma voz subjetiva na representação do registro documental e da arte contemporânea. No vigésimo nono capítulo, a autora revela um percurso de uma pesquisa participante em arte. E, por fim, no trigésimo capítulo que fecha as reflexões desta Coleção, as autoras discutem acerca de uma ruptura com o discurso colonizador e seus mecanismos de pressão na América Latina.

Todos os autores dos trabalhos compilados neste segundo volume da coletânea em questão, desejam que os possíveis leitores e investigadores encontrem os questionamentos capazes de desenvolver as habilidades investigativas na produção do conhecimento em quaisquer que sejam as áreas do saber.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONTOS DE FADA EM PROPAGANDAS: APELO À EMOÇÃO E QUESTÕES DE GÊNERO FAIRY TALES IN ADVERTISEMENTS: APPEAL TO EMOTION AND GENDER ISSUES	
Fabiana Piccinin Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924041	
CAPÍTULO 2	16
CORPO NEGRO E PODER O CURTA SOMBRAS DO TEMPO NA PLATAFORMA AFROFLIX	
Lara Lima Satler Emilly César Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.8071924042	
CAPÍTULO 3	32
EL TOPO E O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO: DAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE DOIS FAROESTES LATINOS DOS ANOS 70	
Gabriel Philippini Ferreira Borges da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8071924043	
CAPÍTULO 4	42
O PLANEJAMENTO ESCOLAR NA DIMENSÃO TEÓRICO-PEDAGÓGICA	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924044	
CAPÍTULO 5	52
FABRICAÇÕES DO COTIDIANO: ESTÉTICA E VISUALIDADE NOS/DOS GRAFITOS DE BANHEIRO	
Ana Paula Aparecida Caixeta Luiz Carlos Pinheiro Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924045	
CAPÍTULO 6	64
HERANÇAS EXPRESSIONISTAS NO HORROR CONTEMPORÂNEO: AS ESTRATÉGIAS DIALÓGICAS DE <i>BABADOOK</i>	
Gabriel Perrone	
DOI 10.22533/at.ed.8071924046	
CAPÍTULO 7	71
FORMAÇÃO E EVASÃO DE ALUNOS DO CURSO TÉCNICO DE INTÉRPRETES DE LIBRAS DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ALMIRANTE SOARES DUTRA - ETEASD NO MERCADO DE TRABALHO EM PERNAMBUCO	
Denise Melo Darlene Lira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924047	
CAPÍTULO 8	74
AS <i>ARPILLERAS</i> E A REFLEXÃO SOBRE OS SUJEITOS EM NARRATIVAS POÉTICO-VISUAIS	
Jossier Sales Boleão Émile Cardoso Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.8071924048	

CAPÍTULO 9	84
IMAGEM E CONSUMO: A TRANSFORMAÇÃO DO(NO) CORPO E A PROBLEMÁTICA DO REFERENTE	
Guilherme Carrozza	
DOI 10.22533/at.ed.8071924049	
CAPÍTULO 10	96
ILUMINAÇÃO CÊNICA: PRINCÍPIOS PRÁTICOS DA ILUMINAÇÃO TEATRAL	
Vanderlei Antonio Bachega Junior	
DOI 10.22533/at.ed.80719240410	
CAPÍTULO 11	103
INFERÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM OLHAR SOBRE AS PROPAGANDAS DOS CAMELÔS NUMA CIDADE DO SERTÃO DA BAHIA	
Adão Fernandes Lopes	
Denise Dias de Carvalho Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.80719240411	
CAPÍTULO 12	117
INSTRUMENTOS PARA A AMPLIAÇÃO E ADEQUAÇÃO VOCABULAR NO ÂMBITO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TEXTUAL ORAL E ESCRITA	
Fernanda Luzia de Almeida Miranda	
Tuise Brito Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.80719240412	
CAPÍTULO 13	128
ITALIANO COMO HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA: UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO	
Rosangela Maria Laurindo Fornasier	
Tatiana Iegoroff de Mattos	
Fernanda Landucci Ortale	
DOI 10.22533/at.ed.80719240413	
CAPÍTULO 14	140
LITERATURA E REALIDADE EM ESCRITOS DE ANTONIO CANDIDO E PIER PAOLO PASOLINI	
Ana Clara Vieira da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.80719240414	
CAPÍTULO 15	150
MEMÓRIA E COGNIÇÃO: A DOENÇA DE ALZHEIMER RETRATADA NO FILME <i>ELLA E JOHN</i>	
Bianca Cardoso Batista	
Vagner Bozzetto	
DOI 10.22533/at.ed.80719240415	
CAPÍTULO 16	164
LINGUAGEM, CORPO E ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NO CINEMA E NAS ARTES DO VÍDEO	
Cristiane Wosniak	
Rodrigo Oliva	
DOI 10.22533/at.ed.80719240416	

CAPÍTULO 17	177
METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE FÍSICA	
Shayenny Alves de Medeiros	
Maria Suenia Nunes de Moraes	
Kátia Cristina Barbosa da Silva	
Elivélton de Lima Alves	
Bismark Mota da Silva	
Brenda de Souza Silva	
José Walber Farias Gouveia	
Maria das Graças Araújo Barros	
Virgínia Micaela de Amorim Silva	
Rafaele Maciel da Silva	
Patricio José Felix da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.80719240417	
CAPÍTULO 18	187
MORFOLOGIA APLICADA À TERMINOLOGIA MÉDICA: UM ESTUDO PARA LINGUISTAS	
Bruno Eric dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240418	
CAPÍTULO 19	200
O BALANÇAR DO MANTO	
Sofia Gentil Mussolin	
DOI 10.22533/at.ed.80719240419	
CAPÍTULO 20	212
O DISCURSO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS DISCURSIVOS	
Lucas Martins Flores	
Alice Maria Martins Rebelo	
DOI 10.22533/at.ed.80719240420	
CAPÍTULO 21	224
O IMAGINÁRIO COMO VIA DE TRANSGRESSÃO DO REAL	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240421	
CAPÍTULO 22	229
O INTERTEXTUAL E O INTRATEXTUAL NA OBRA DE WOODY ALLEN: UMA ANÁLISE SOBRE OS FILMES “ALICE”, “BLUE JASMINE” E “WONDER WHEEL”	
Alexandre Silva Wolf	
DOI 10.22533/at.ed.80719240422	
CAPÍTULO 23	239
O SILÊNCIO DA IMAGEM: PERSPECTIVA MICROPOLÍTICA NO FILME-CARTA <i>LETTER TO JANE</i> (1972)	
Maruzia de Almeida Dultra	
DOI 10.22533/at.ed.80719240423	

CAPÍTULO 24	254
PRÁTICAS DE DANÇA NA MATURIDADE E A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL: APRESENTANDO ALGUNS RESULTADOS	
Daniela Llopart Castro	
Elisabete Alexandra Pinheiro Monteiro	
Eleonora Campos da Motta Santos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240424	
CAPÍTULO 25	264
PRODUÇÃO DE SENTIDO EM O <i>CONTINENTE</i> : MOVIMENTOS DO TEMPO E DO VENTO	
Ana Cristina Agnoletto	
Márcia de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.80719240425	
CAPÍTULO 26	279
PROGRESSÃO PARCIAL: MAIS UMA LEI QUE NÃO FUNCIONA	
Mônica Lopes Névoa Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.80719240426	
CAPÍTULO 27	285
PROJETO DE ESQUADRIAS DE PALETES PARA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL “CANTO DE CONEXÃO”	
Karina dos Santos Moura	
Renata Caetano Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.80719240427	
CAPÍTULO 28	291
REGISTRO DOCUMENTAL NA ANIMAÇÃO A <i>BAILARINA</i>	
Carla Lima Massolla Aragão da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.80719240428	
CAPÍTULO 29	304
REVOADA EM CORES: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE VIVIDA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS	
Cristiane Machado Corrêa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.80719240429	
CAPÍTULO 30	317
SUDACAS – CORPOS INSURGENTES: CARTOGRAFANDO CORPOS <i>TRANS</i> COM A CÂMERA POR UMA ARTE POLÍTICA	
Janayna Medeiros Pinto Santana	
Rosa Maria Berardo	
DOI 10.22533/at.ed.80719240430	
SOBRE O ORGANIZADOR	329

LITERATURA E REALIDADE EM ESCRITOS DE ANTONIO CANDIDO E PIER PAOLO PASOLINI

Ana Clara Vieira da Fonseca

Universidade de Brasília – UnB, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Educação Física.
Brasília – Distrito Federal.

RESUMO: *Literatura e Sociedade*, de Antonio Candido, traz ensaios nos quais o autor toma o cuidado de fugir do método tradicional de análise, limitado a localizar referências históricas na literatura em termos de assunto ou conteúdo, para realmente enxergar a realidade como constituinte estrutural da obra literária. Publicado em 1965, contém estudos sobre teoria e história literária e representa um aprofundamento em aspectos da produção do crítico que não estavam em foco anteriormente. *Empirismo hereje*, de Pier Paolo Pasolini, foi publicado em 1972 e reúne ensaios polêmicos, nos quais o autor defende que a intervenção na sociedade não se poderia restringir ao nível do testemunho literário; o autor transita por literatura, linguística e cinema, demonstrando consciência das grandes mutações do seu tempo e buscando compreender seus processos e contradições. O nosso objetivo é pensar como os autores lidam com a aproximação teórico/crítica entre literatura e realidade e como a concebem com base no momento do sistema literário de que participam. Elegemos

os artigos “Crítica e sociologia”, “A literatura e a vida social” e “O escritor e o público” – de *Literatura e sociedade* – e “Novas questões linguísticas”, “Que será natural?” e “Intervenção sobre o Discurso Indirecto Livre”, de *Empirismo hereje*, contrapondo trechos que se aproximam, comparando e assinalando semelhanças e divergências no tratamento da matéria. Ambos empenharam-se em pensar politicamente o seu meio e estiveram sempre vinculados ao seu tempo com grande sentimento de missão, o que nos ajuda a pensar a atualidade da relação entre a realidade e a linguagem literária.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Sociedade. Candido. Pasolini. Crítica literária.

ABSTRACT: *Literatura e Sociedade*, from Antonio Candido, presents essays in which the author reflects upon how the two areas that name the book interact with one another, being careful not to use the traditional method, which is limited to locating the historic references relating to the terms or subjects researched, aiming to truly grasp reality as a constituent part of the structure of the literary work. Published in 1965, the book contains studies on literary theory and history and represents a period of further development in the aspects of the literary production which, up to the moment, were not perceived as a focal point. *Empirismo hereje*, from Pier Paolo Pasolini, was published

for the first time in 1972 and compiles polemic essays, in which the author displays his vision that the need intervention in society could not be restricted to the level of literary witness. For this reason, the author approaches areas such as literature, linguistics and cinema, showing great consciousness in regard to the great mutations of his time as he aims to understand its processes and contradictions. The objective of this paper is to contemplate how the authors deal with the convergence theory/critics between literature and reality and how such relation is perceived in their writings considering the literary system's in which they are located. To that end, the works "Crítica e sociologia", "A literatura e a vida social" and "O escritor e o público" – part of *Literatura e sociedade* – and "Novas questões linguísticas", "Que será natural?" e "Intervenção sobre o Discurso Indirecto Livre", from *Empirismo hereje*, by contrasting passages that draw near one another, comparing and pointing out the similarities and divergences in their approach to the subject. Both have been committed critics in thinking politically in their context and been guided by a strong sense of purpose, hence their thoughts and inputs helps us to reflect upon our context and the relationship between reality and literary language.

KEYWORDS: Literature. Society. Candido. Pasolini. Literary Critics.

Propõe-se, neste trabalho, refletir a respeito dos livros *Literatura e Sociedade*, de Antonio Candido, e *Empirismo hereje*, de Pier Paolo Pasolini, de modo a visualizar de que maneira os autores lidam com a aproximação crítica e teórica entre literatura e realidade e como é possível visualizar tais questões nos textos em análise. Para tanto, a metodologia empregada consiste em pôr em contraste trechos selecionados, em busca de assinalar semelhanças e diferenças entre eles.

Antonio Candido, crítico e professor universitário, publicou diversos livros que têm como temática principal a possibilidade de se enxergar a sociedade como componente estrutural, ou seja, como parte formal das obras literárias. O autor, sociólogo por formação, dedicou-se intensamente ao estudo dessa manifestação artística e a pensar como a história poderia ser identificada ali. As ferramentas de análise provenientes de seus conhecimentos antropológicos permitem que manifestações culturais sejam estudadas de modo a pensar a literatura como chave para a avaliação social desenvolvida por Candido. É refletindo sobre a sistematicidade das ações humanas e a historicidade de todo o conhecimento que o crítico elege a literatura como tema central das suas reflexões acerca da história cultural brasileira. Importa destacar que Candido foi um intelectual que se dedicou a pensar politicamente o seu meio enquanto se consolida como um professor universitário, lecionando tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação, e as suas intervenções partem deste lugar de fala: um crítico vinculado à sua instituição.

Pier Paolo Pasolini foi poeta, cineasta, diretor, romancista, ensaísta, pintor, professor e é considerado por muitos a voz crítica mais lúcida da Itália no *Novecento* – o último humanista verdadeiro que se dedicou a pensar os problemas

e as particularidades de uma sociedade tão contraditória quanto aquela italiana. O realismo, presença constante em seus textos, corresponde a uma temática por meio da qual o crítico tentava abordar a representação do real como aquilo que é capaz de ir além da fetichização capitalista e de proporcionar a autoconsciência do gênero humano. Ao contrário de Candido, Pasolini tem uma trajetória marcada por conflitos com instituições – ele se esforça para não se deixar domar por aquelas organizações que sempre o coagiram e perseguiram: a academia, o governo, a sociedade italiana. Apesar de ser necessário marcar tais diferenças entre os autores, existe em ambos o sentimento de missão com relação ao seu tempo, traço que é substancial para seus escritos.

Em *Literatura e sociedade*, Candido demonstra algumas conexões entre as áreas que dão título ao livro, porém toma o cuidado de não seguir pela via de raciocínio mais tradicional: aquela que aponta ocorrências de aspectos sociais em obras literárias e como isso se dá, mas sem conseguir demonstrar uma verdadeira interpenetração. O método escolhido pelo crítico segue outro caminho e busca enxergar de que modo a realidade social funciona como parte da estrutura literária propriamente dita. *Empirismo hereje*, segundo livro de ensaios publicado por Pasolini, corresponde a uma reunião de textos de linguagem mais polêmica nos quais é possível enxergar a visão crítica sensível do autor em artigos que versam sobre língua, literatura e cinema, além de propor conexões com a sociedade italiana e a realidade de maneira geral. Para tanto, foram eleitos alguns artigos que serão estudados mais de perto, a fim de visualizar tais características.

Literatura e sociedade se divide em duas partes. A primeira inicia-se com o artigo “Crítica e sociologia”, no qual Antonio Candido ressalta a importância de exagerar uma verdade para chamar a atenção sobre ela, intensificá-la. Retomando um pouco de história literária, é dito que, durante um determinado momento, o valor de uma obra estaria na sua capacidade de exprimir aspectos sociais. Depois, ocorre a passagem pelo estruturalismo, contexto em que a matéria de uma obra literária passou a ser considerada secundária e o mais importante eram as operações formais, de modo que a obra seria independente de condicionamentos externos. Candido, por sua vez, defende que nenhuma dessas visões dissociadas é a ideal, visto que texto e contexto precisam ser pensados de maneira dialética: “[...] o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*” (CANDIDO, 2000, p. 6).

No campo da crítica, é preciso estudar a intimidade das obras e buscar quais fatores externos são importantes para a construção interna da estrutura do texto; busca-se verificar se o fator social serve apenas como fornecedor de matéria – compondo o ambiente, os costumes, etc. – ou se atua no que determina o valor estético da literatura enquanto obra de arte. Assim, é possível enxergar fatores sociais como agentes da estrutura narrativa.

Para exemplificar, é retomado pelo autor o que é apresentado por Alencar no romance “Senhora”, no qual o elemento social não serve apenas como enquadramento histórico ou identificação de época, mas como fator da construção artística a “nível explicativo e não ilustrativo” (CANDIDO, 2000, p. 8). Assim, o externo passa a ser interno e a crítica deixa de ser sociológica para ser apenas crítica.

A literatura, para o crítico, depende de vários fatores sociais entrelaçados para se constituir enquanto fenômeno de civilização; contudo, é preciso determinar se esses fatores interferem diretamente na obra ou não. Cito Candido:

[...] é justamente esta concepção da obra como organismo que permite, no seu estudo, levar em conta e variar o jogo dos fatores que a condicionam e motivam; pois quando é interpretado como elemento de estrutura, cada fator se torna componente essencial do caso em foco, não podendo a sua legitimidade ser contestada nem glorificada *a priori* (CANDIDO, 2000, p. 16).

A língua e as linguagens utilizadas também são fatores que interferem decisivamente nas obras literárias. O raciocínio desenvolvido por Candido se aproxima daquele seguido por Pasolini em “Novas questões linguísticas”, integrante da primeira parte de *Empirismo hereje* (intitulada “Língua”), no qual explica que sua análise parte de um ponto de vista que tem como base a relação entre “os escritores e a *koinè* italiana” (PASOLINI, 1982, p. 23). Para tanto, o crítico explica a que corresponde a *koinè*: seria o italiano instrumental, não-literário, a língua falada. Apesar de não haver na Itália uma língua nacional, o burguês ou pequeno-burguês italiano é o indivíduo que, por se comunicar nas duas variantes, possibilitaria a visualização da possível unidade existente entre elas. Tal tese se justifica ao passo que o autor considera o italiano uma língua imperfeitamente nacional composta por um corpo histórico-nacional que não é completo, mas fragmentário. Assim, o italiano seria a língua representativa da luta da burguesia italiana – reflete os costumes, os hábitos, os privilégios e a luta dessa classe.

Pasolini defende que, ao interpretarmos a língua italiana como história da relação entre os escritores e a *koinè*, percebe-se a existência de três linhas: a) a linha do italiano médio, da literatura puramente acadêmica e escolástica; b) uma linha superior, de literatura hiperlinguística, próxima ao sublime; e c) uma linha inferior, composta por literaturas “naturalistas-veristas-dialectais” (PASOLINI, 1982, p. 24). Observa-se, assim, a língua funcionando como um fator de exclusão e segregação dentro da literatura. Para Pasolini, a grande maioria dos autores que se colocam na linha superior ao italiano médio têm uma correspondência com seus personagens, seus heróis e os ambientes em que vivem, uma aproximação que é tanto cultural quanto linguística; é essa afinidade espiritual que lhes permite o desenvolvimento do Discurso Indireto Livre. O crítico explica qual a consequência disso:

Empregam, portanto, a língua dos protagonistas: e é a um nível de igualdade, conforme já disse, que o intercâmbio linguístico de autores e personagens se verifica nos seus casos. Desta maneira, a língua das suas personagens torna-se uma língua escrita e, todas as contas feitas, literária, enquanto a língua do escritor

– que se identifica com a sua personagem – se torna simplesmente mais viva ou expressiva (PASOLINI, 1982, p. 27).

Contudo, Pasolini destaca que, caso a representação seja de um herói popular, a mimesis não ocorre genuinamente, visto que o escritor utilizaria um grau mais baixo de sua própria língua, sem conseguir reproduzir devidamente a fala daquele grupo social.

Desse modo, é clara a importância do papel do escritor para o desenvolvimento linguístico de uma sociedade. Por outro lado, Pasolini defende que a crise linguística do século XX, mais especificamente a que se dá nos anos 50, seria um indício do “fim do mandato do escritor” (PASOLINI, 1982, p. 28). As experiências literárias desse período justificam o surgimento das vanguardas antilinguísticas que tentam reduzir a centralidade linguística para zerar os valores a ela atrelados. A consequência disso é que a literatura passa por um momento de vazio, visto que os escritores se limitam a escrever sua própria história, de maneira isolada de outros elementos sociais; para que isso seja corrigido, o autor defende que é necessário reaproximar a literatura de duas outras áreas: a linguística e a sociologia – de maneira análoga à análise proposta por Candido, a qual veremos mais adiante.

De um ponto de vista sociolinguístico, Pasolini explica que a osmose da língua italiana deixa de ocorrer com o latim e passa a se dar em relação a uma língua científica. Um exemplo disso é a linguagem jornalística italiana, a qual assume características específicas ao longo do tempo, instrumentaliza-se para alcançar uma sociedade com um nível elevado de racionalidade e se torna pouco expressiva. A televisão, por sua vez, também possui uma língua própria, ao passo que exclui uma grande variedade de palavras e “consiste na sua selectividade sectária” (PASOLINI, 1982, p. 32). Como decorrência disso, o autor propõe que “os centros criadores, de elaboração e unificadores da linguagem, já não são as universidades, mas as administrações” (PASOLINI, 1982, p. 33).

Tal proposição corrobora sua tese de que o italiano médio está profundamente tecnicizado; é a passagem do italiano de língua literária para língua técnica. Desse modo, o conhecimento literário passa a estar vinculado a um conhecimento de características racionais e científicas.

Partindo para o artigo intitulado “A literatura e a vida social”, Antonio Candido explica que seu objetivo é “focalizar aspectos sociais que envolvem a vida artística e literária nos seus diferentes momentos” (CANDIDO, 2000, p. 17). Candido explica que houve momentos em que sociólogos, psicólogos e outros tentaram explicar fenômenos artísticos apenas com o conteúdo fornecido por suas disciplinas; a consequência foi levar tais orientações ao descrédito enquanto ferramentas de interpretação da arte. A solução para tal questão reside em se traçar e estabelecer campos, em ver as disciplinas auxiliares como realmente fontes de contribuição; é preciso buscar uma interpretação dialética, em que os campos de estudo se complementem de modo a pensar como a obra de arte influencia e é influenciada pelo meio. Um exemplo seria a

aproximação entre literatura, linguística e sociologia, também apresentada por Pasolini.

Candido questiona em que medida a arte é expressão da sociedade e em que medida é social, ou seja, está interessada nos problemas sociais. O crítico diz que a arte depende da ação de vários fatores do meio e que eles se exprimem na obra em diversos graus. Além disso, é capaz de influenciar a conduta do homem e sua concepção de mundo, reforçando valores sociais.

Sobre a posição do artista, Candido diz que este é um aspecto da estrutura da sociedade e que “os elementos individuais adquirem significado na medida que as pessoas correspondem a necessidades coletivas” (CANDIDO, 2000, p. 23). Isso influencia diretamente nos temas e nas formas das obras. A respeito da configuração da obra, o autor diz que os valores e ideologias estão mais relacionados ao conteúdo da obra, enquanto as modalidades de comunicação estão mais próximas da forma. Gêneros novos, como o jornalismo e o cinema, influenciaram muito e proporcionaram o surgimento, por exemplo, da crônica e do romance de folhetim.

Quanto ao público, o receptor da arte, Candido diz que as influências sociais são também muito marcadas, até no nível estrutural. A invenção da escrita, por exemplo, inicia um período em que predomina o público indireto, diferentemente do que ocorria quando os criadores estavam em contato direto com o produtor, devido à possibilidade de reprodução fiel e em massa. Assim, observa-se que os fatores sociais atuam concretamente na literatura.

A proximidade de áreas como o jornalismo e o cinema tiveram uma influência muito expressiva na literatura do século XX. Na última seção de *Empirismo hereje*, “Cinema”, Pasolini desenvolve reflexões sobre a arte cinematográfica e suas relações com a sociedade. Por meio do artigo “Que será natural?”, o leitor tem acesso à tese, já explicada em outros artigos da seção, de que o cinema identificar-se-ia muito com a realidade, ao ponto de sua Semiologia ser parte do estudo da “Semiologia Geral da Realidade” (PASOLINI, 1982, p. 197), pois podemos reconhecer em um filme a realidade tal como ela se nos expressa cotidianamente. Contudo, devido ao fato de o cinema se construir com base em planos-sequência, muitas vezes essa arte é acusada de não conseguir se desvencilhar do naturalismo.

Para esmiuçar o problema, Pasolini utiliza o exemplo de um filme americano o qual mostra um homem dormindo em planos-sequência que duram horas. Assim seria o cinema “insensatamente naturalista: sobretudo na medida em que tem também o tempo natural da realidade” (PASOLINI, 1982, p. 199). O crítico esclarece que a diferença entre a vida real e aquela reproduzida no cinema está no ritmo, no tempo, na duração de um plano. Em “O medo do naturalismo”, apêndice de “Que será natural?”, Pasolini questiona o motivo para tamanho medo e o que ele esconde: “Não esconderá, por acaso, o medo da realidade? E não são os intelectuais burgueses que aqui tem medo da realidade?” (PASOLINI, 1982, p. 204). Tal medo do real está presente também, é claro, na literatura.

A segunda parte de *Literatura e sociedade* é iniciada com o texto “O escritor e o

público”. Nesse artigo, Candido destaca a existência de uma tendência a considerar a obra literária como algo isolado, incondicionado, de existência em si e por si. Contudo, esclarece que há fatores internos e externos que a determinam, sendo estes últimos necessários do ponto de vista sociológico para que uma sondagem mais profunda das obras e dos criadores seja possível, além de facilitar a compreensão de correntes, períodos e outros fatores estéticos. Assim, o escritor não pode ser visto como indivíduo que exprime artisticamente uma originalidade, mas como alguém que desempenha um papel social e deve corresponder às expectativas do seu grupo profissional de leitores ou receptores. Cito: “A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a” (CANDIDO, 2000, p. 68).

A obra de arte literária é influenciada por dois elementos: a posição social do escritor e a formação do público. O que justifica socialmente a atividade desenvolvida pelo escritor é o reconhecimento coletivo da sua atuação. Assim, é construída a seguinte relação: a obra é mediadora entre autor e público; o público é mediador entre autor e obra ao passo que o escritor só adquire consciência da obra quando ela é mostrada aos outros. A formação do público está diretamente relacionada à existência dos meios de comunicação, e a sua aceitação é sempre importante. Nesse sentido, toda a sociedade passa a se envolver no fazer literário: “A ascensão das massas trabalhadoras propiciou, de outro lado, não apenas maior envergadura coletiva à oratória, mas um sentimento de missão social nos romancistas, poetas e ensaístas, que não raro escrevem como quem fala para convencer ou comover” (CANDIDO, 2000, p. 80).

Candido propõe, em *Literatura e Sociedade*, a crítica literária dialética – corrente crítica em que o papel do indivíduo que faz parte de uma determinada sociedade é tão importante quanto o escritor. Nesse sentido, torna-se possível reconhecer que a realidade e a tradição têm um lugar importante no fazer literário.

Na segunda parte de *Empirismo hereje*, “Literatura”, encontramos o texto “Intervenção sobre o Discurso Indirecto Livre”, no qual Pasolini desenvolve melhor suas opiniões acerca e tal modalidade, já mencionada no artigo “Novas questões linguísticas”. O crítico se debruça sobre este tema por não ter encontrado, em livros de especialistas, as verdadeiras razões para que ocorra um processo estilístico que permite a fala por meio do locutor e a expressão de diversas intenções. Para tanto, Pasolini analisa as diversas ocorrências do Discurso Indireto Livre com tempos e formas verbais diferentes, como infinitivo, pretérito perfeito e imperfeito.

O uso do imperfeito, por exemplo, determinaria a existência de um escritor-narrador; contudo, há situações em que o autor se recusa a se expressar dessa maneira e realiza uma submersão em sua personagem, de modo que todo o desenrolar se dá por meio dela. Seja como for, é certo que o Discurso Indireto Livre, para Pasolini, corresponde a uma “consciência sociológica” (PASOLINI, 1982, p. 66) que é a sua característica primordial.

Entre os exemplos apresentados, encontramos Dante Alighieri. Para Pasolini, o Discurso Indireto Livre está muito presente nos escritos do poeta, que retira da sociedade seu material linguístico e o aplica ao reproduzir o falar de cada núcleo daquele extrato social. Cito: “A ‘consciência sociológica’ intervém do mesmo modo que em Ariosto: ou seja, em primeiro lugar, na relação revolucionária entre língua superior e língua falada, ou seja entre o latim da cultura teológica e o florentino da burguesia das comunas” (PASOLINI, 1982, p. 67).

Conforme teorizado em “Novas questões linguísticas”, Pasolini defende a existência de uma linha superior e uma linha inferior que partem do italiano médio. Esse seria o motivo pelo qual todas as análises anteriores a respeito do Discurso Indireto Livre fossem insuficientes, tendo em vista que levavam em conta apenas a linha média da língua. Tais estudos não consideravam, por exemplo, a importância da ironia nos textos escritos naquela modalidade – primordial para seu desenvolvimento. Tal ironia, para o autor, corresponde a:

[...] ironia no sentido específico corrente: ou seja a '*mimesis* caricatural' que consiste em arremedar o locutor. E que é assim uma posição extremamente original em relação a todas as outras posições tradicionais em que o autor costuma colocar-se ante suas personagens: uma correspondência de sentido amoroso, que se concretiza numa troca de fervores linguísticos [...] (PASOLINI, 1982, p. 69).

É interessante a posição do crítico, segundo a qual somente é possível para um escritor reviver o discurso de um personagem que tenha níveis de educação e cultura semelhantes aos seus, além de uma idade e de uma experiência histórica próximas. É por esse motivo que o monólogo interior é muitas vezes considerado uma continuidade do Discurso Indireto Livre, visto que as semelhanças são muitas. Contudo, é preciso destacar que o monólogo interior consiste em uma aplicação da língua do escritor a uma personagem e pode renunciar completamente ao naturalismo, firmando-se na língua poética por inteiro; no Discurso Indireto Livre, por outro lado, tem-se uma dose imprescindível de naturalismo e a poesia surge do contato entre duas línguas agudamente diferentes.

Para o escritor do século XX, rodeado de referências pop, comunicação de massa e neocapitalismo avançado, seria impossível reviver o discurso de alguém que viveu em uma época anterior, uma realidade histórica diferente. Pasolini diz não ter conhecimento de uma obra que seja capaz de reviver o discurso do operário “através da sua linguagem enquanto linguagem específica do operário” (PASOLINI, 1982, p. 80). As narrativas que se propuseram a fazê-lo escorregam ao representar o operário em sua vida familiar privada; o operário simpatizando com a condição de vida do autor; o operário em uma situação “tipicamente obreirista” (PASOLINI, 1982, p. 80), em outros momentos linguísticos. Assim, o verdadeiro problema, para Pasolini, é a potencial identificação que existe entre a linguagem da fábrica e a linguagem do operário – razão para a impossibilidade da *mimesis*.

No artigo intitulado “A vontade de ser poeta de Dante”, Pasolini se propõe a

pensar como Dante Alighieri emprega o Discurso Indireto Livre. Inicialmente, o crítico destaca que, ao falarmos de Dante, é necessário ter em mente o papel fundamental do poeta no que tange à descoberta das línguas que compõem o italiano e à presença imprescindível da consciência sociológica já aqui explicitada. Dante é capaz de, por meio de seu discurso direto, aplicar uma espécie de Discurso Indireto Livre ao passo que consegue empregar uma fala característica, tanto de personagens que pertencem à sua própria classe social, quanto de personagens que pertencem a outros extratos da sociedade – seria o “Discurso Indirecto Livre simbólico ou metafórico” (PASOLINI, 1982, p. 82). Além disso, Pasolini nota a ocorrência de dois tipos de registro em Dante: um é mais veloz e factual; o outro é lento, de ritmo atemporal, em um tempo “meta-histórico da poesia” (PASOLINI, 1982, p. 83).

Pasolini explica que o poema de Dante, por ser uma alegoria, possui duas naturezas de narração: figurativa e simbólica, de modo que se apresenta em diversas dicotomias: “o ‘ponto de vista teológico’ e o ‘ponto de vista da observação sociológica’; o ‘registro rápido’ e o ‘registro lento’; ‘realidade figurativa’ e ‘realidade alegórica’; ‘Dante narrador’ e ‘Dante protagonista’, ‘língua da prosa’ e ‘língua da poesia’” (PASOLINI, 1982, pp. 84 – 85). Nesse sentido, o autor questiona se haveria em Dante a vontade de ser poeta, para em seguida defender que há, em suas poesias, uma vontade inconsciente de fazer poesia; assim, seria mais prudente buscar em que pontos ideais estaria esse desejo de ser poeta na obra de Dante.

Diante disso, algumas hipóteses são levantadas: a vontade de ser poeta de Dante poderia estar no acento constante das inscrições de lápide da *Commedia*; nos seus momentos de pico da expressividade teológica, assim como no conteúdo meta-histórico (sentido linguístico); o horizonte linguístico se amplia com o ponto de vista transposto para o alto, mas os versos lentos e fixos demonstram experiência humana direta e não racionalizável.

A norma de regulação do desprendimento de Dante, deduz Pasolini, seria “[...] uma equidistância rigorosamente mantida entre autor e os infinitos aspectos particulares do seu mundo” (PASOLINI, 1982, p. 88). Ao manter-se equidistante de si próprio e dos próprios sentimentos, Dante autor emprega um Discurso Indireto Livre do Dante protagonista.

Recuperando a ressalva feita no início deste trabalho, segundo a qual o lugar de fala dos dois autores é muito distinto, o que se deve às suas relações com as instituições, são muitos os pontos de contato que podemos traçar entre o pensamento de Antonio Candido, decisivo para a formação de um país periférico e que precisa se reconhecer enquanto tal, e as reflexões de Pier Paolo Pasolini a respeito de arte, literatura e suas interpenetrações com a sociedade. A abordagem de Pasolini a respeito do Discurso Indireto Livre possibilita uma aproximação maior com Candido pois tal modalidade literária tem suas raízes na sociedade estruturada em classes e na tentativa de representar a fala de um indivíduo pertencente a outro extrato social; assim, conforme proposto por Candido, a matéria social se constitui em forma literária,

pura e simplesmente.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.

PASOLINI, Pier Paolo. **Empirismo hereje**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-280-7

